

FENOMENOLOGIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: DOMINIQUE PESTRE E A ORIGEM DO SCIENCE STUDIES*

PHENOMENOLOGY AND PHILOSOPHY OF SCIENCE: DOMINIQUE PESTRE AND SCIENCE STUDIES'S ROOTS

ROBSON OLIVEIRA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Resumo: Nas ciências naturais, comumente se aceita que apenas os profundamente imersos nos seus problemas são reconhecidos pesquisadores competentes para emitir comentários sobre estes campos de investigação. Paradoxalmente, parece que estes cientistas são os que encontram maior dificuldade para relacionar sua formação profissional e atividades acadêmicas com seu papel na sociedade. Um exemplo é a dificuldade em determinar a natureza e a origem de um evento científico, como a consciência humana. Dominique Pestre caracteriza o *Science Studies* na década de 1970 e dá tons políticos ao seu discurso. A mudança de opinião desse historiador da ciência seria suficiente para sinalizar uma reviravolta neste movimento?

Palavras-Chave: Fenomenologia. Hermenêutica. Dominique Pestre. Filosofia da Ciência. Filosofia Contemporânea. *Science Studies*.

Abstract: Commonly accepted that only deeply immersed in their problems are empowered to issue comments on these fields of research in the natural sciences. Paradoxically, it seems that these scientists have greater difficulty relating to their professional training and academic activities with their role in society. An example is the difficulty in determining the nature and origin of a scientific event, as human conscience: Dominique Pestre featuring *Science Studies* in the 1970s and gives political color to his speech. The change of mind this historian of science would be enough to indicate a turn in this movement?

Keywords: Phenomenology. Hermeneutics. Dominique Pestre. Philosophy of Science. Contemporary Philosophy. *Science Studies*.

* Artigo recebido em 29/06/2016 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/12/2016.

** Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7150038239237488>. E-mail: robson@robsonoliveira.pro.br.

1. Introdução

Seguindo quase que um roteiro descrito pela reflexão de Karl Otto Apel¹, a filosofia da terça parte final do século XX confirmou suas análises e orientações para o século XXI. Ele distinguiu três linhas mestras na, então, filosofia do século XX: uma de inspiração marxista, outra denominada pela construção fenomenológico-existencial-hermenêutica e uma terceira de inspiração analítica. Embora a reflexão marxista resista ainda em alguns escritos de Jürgen Habermas, um pouco sintetizados a caracteres analíticos e hermenêuticos, restam apenas, como orientações ao século XXI, a reflexão de inspiração fenomenológica (caracterizadas por importantes inflexões da hermenêutica e do existencialismo) e a abordagem analítica. Em consonância com a leitura de Apel, C. P. Snow descreve o pensamento contemporâneo desenvolvendo-se entre dois extremos: a filosofia continental e a filosofia analítica. O primeiro ocupando-se com as questões sobre a cultura e o segundo com as questões técnico-científicas. De fato, a hermenêutica e a analítica são as duas áreas da filosofia que se firmaram como possibilidades na filosofia hodierna, ainda que ambas (mais a hermenêutica que a analítica) engendrem e assumam em si aspectos da fenomenologia e do existencialismo ordinariamente. Além disso, como afirmaram outros filósofos, o marxismo perdeu algo em relação ao diálogo com a contemporaneidade². A reflexão filosófica hodierna, portanto, transita entre a analítica e a hermenêutica e, por esta razão, a problemática acerca da natureza do movimento de filosofia da ciência sucessor do Pós-Positivismo Lógico, o *Science Studies*, assim como sua possível ascendência na reflexão fenomenológica, torna-se relevante.

Em 1959, C. P. Snow publicou um dos livros com maior repercussão na filosofia da ciência anglo-saxã: *The Two Cultures*³. Segundo o autor, o tema da diversidade de culturas estende-se para além da filosofia da ciência e a tese forte deste livro é que o ambiente acadêmico europeu dividia-se entre os literários intelectuais e os cientistas positivistas. No entanto, a divisão apresentada não era apenas didática ou alegórica. Segundo Snow, esses dois grupos de pesquisadores constituíam duas culturas distintas, de sorte que a compreensão

¹ Cf. GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Unisinos, p. 34.

² GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Unisinos, p. 34: “Dessas três ‘escolas’ (marxismo, filosofia analítica, fenomenológico-existencialista-hermenêutica), o marxismo filosófico perdeu, certamente, algo em atualidade. A herança de uma teoria crítica da sociedade, vinculada a Marx e Lukács, quase não é mais seguida, como marxismo ou como marxismo histórico”.

³ SNOW, C. P. **As duas culturas**. Lisboa: Presença, 1996.

das questões que movimentavam suas pesquisas e, conseqüentemente, suas soluções para cada caso concreto eram absolutamente incompreensíveis para os membros da cultura oposta. Esta situação de incomunicabilidade entre as culturas será confirmada pouco tempo depois por Thomas Kuhn, em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, que expandiu a dificuldade de comunicação entre as culturas até os relatos de dentro da ciência, com a noção de incomensurabilidade.

Neste ambiente descrito por Snow é possível imaginar quão difícil foi o diálogo entre as ciências. Em Edimburgo (Grã-Bretanha), todavia, um grupo de pesquisadores buscou integrar a produção científica, seja natural seja empírica, a outros tipos de relatos tradicionalmente associados à cultura intelectual ou literária. Este grupo, reunido pela primeira vez por uma ação política do Primeiro-Ministro Britânico, Harold Wilson, foi composto por sociólogos, biólogos, físicos, filósofos, matemáticos, antropólogos, historiadores, os quais conviviam, pesquisavam e discutiam colaborativamente. Conhecido como “Programa Forte” em Sociologia do Conhecimento, os fundadores mais famosos deste modo de abordagem científica foram Barry Barnes, David Edge e David Bloor. Os trabalhos realizados na Escola de Edimburgo conseguiram cumprir eficientemente a tarefa de incluir, na agenda de discussão das ciências naturais, herdeiras do Positivismo Lógico e marcadas pelo selo das duas culturas, questões anteriormente reservadas apenas às ciências, ditas, humanas: *interpretação, valor, sociedade, crítica, descritividade, interesse* eram conceitos que não possuíam qualquer papel na grande crítica científica antes dos anos 1970, mas que – rapidamente – receberam considerável destaque na reflexão do “Programa Forte”. Segundo a avaliação do filósofo da ciência Dominique Pestre, o mérito do “Programa Forte” foi ter justamente “reintroduzido a palavra ‘social’ nas análises da ciência”⁴. Por este motivo, este autor – com influência em algumas instituições brasileiras – afirma que a origem do *Science Studies* se encontra na década de 1970. A definição deste movimento não é incontestável e já foi apontada por outros a dificuldade em determinar os elementos distintivos desse conceito⁵. Como ponto de partida, porém, é possível tomar a posição de Pestre sobre o assunto.

⁴ PESTRE, Dominique. “Thirty Years of Science Studies: Knowledge, Society and the Political”. **History and Technology**, volume 20, nº 4, p. 352, 2004.

⁵ VIDEIRA, A. A. P.; MENDONÇA, André Luís de Oliveira. “Instituindo os Science Studies”. **Episteme**, nº 19, p. 149, 2004: “Não constitui uma tarefa fácil definir satisfatoriamente os Science Studies”.

2. Quarenta anos de uma questão aberta

Em 2004, portanto há uma década, o autor francês escreveu um artigo que pretendia comemorar o trigésimo aniversário do movimento Science Studies⁶. Dominique Pestre sugere, já através de seu título, que os anos de 1970 favoreceram o surgimento do discurso que caracterizou o *Science Studies*, principalmente pelas pesquisas realizadas na Escola de Edimburgo. Pestre indica tal como período de gestação e de natividade do *Science Studies*, pois duas características importantes do movimento surgem aí: a localidade como condição para as decisões da comunidade científica e a recusa de toda normatividade da ciência. Assim, Dominique Pestre atribui aos anos de 1970 a responsabilidade por estas mudanças, em detrimento de outros relatos, que indicam a origem do *Science Studies* um pouco antes.

Alguns afirmam que a razão da mudança de perspectiva de Pestre, em relação, por exemplo, ao americano Steve Fuller, é o caráter mais social do pensamento de Pestre. É muito difícil sustentar isso diante deste autor. Segundo o francês, foi nesta década que as mudanças que ampliaram a perspectiva proposta por Thomas Kuhn ocorreram, proporcionando as transformações que possibilitaram a constituição do *Science Studies*. Não que a filosofia da ciência anterior aos anos 1970 fosse estéril política ou socialmente, mas o discurso que surgiu da sua reflexão ainda não possuía, aos seus olhos, as marcas necessárias para a constituição deste modo de fazer ciência. Com efeito, neste artigo publicado em 2004, Pestre pretende comemorar a terceira década de aniversário do movimento, indicando assim que a constituição desse movimento encontra nesse período conturbado momento de capital importância. À luz da compreensão de Pestre, o Programa Forte em Sociologia do Conhecimento é a fonte escondida do *Science Studies* porque ali podem ser encontrados os elementos mais importantes para a constituição dos princípios que distinguirão a prática científica do movimento de filosofia que lho antecedeu imediatamente: o Círculo de Viena. Apoiados na crítica de Thomas Kuhn, o Programa Forte avançou os estudos sobre os elementos extracientíficos que favorecem e influenciam no cotidiano da pesquisa científica. Para os autores concordes com Pestre, o *Science Studies* inicia seu processo de constituição teórica a partir da reflexão e da publicação dos trabalhos de dois grupos conceitualmente muito próximos: as Escolas de Edimburgo e de Bath, ambas constituidoras do que se convencionou

⁶ Refere-se ao texto de Dominique Pestre, *Thirty Years of Science Studies*, publicado pela History and Technology, em 2004.

nomear “Programa Forte” e fundadoras do que a tradição recente em filosofia da ciência convencionou denominar *Sociology of Scientific Knowledge* (SSK).

Para Pestre, o movimento *Science Studies* surgiu na década de 1970 e tem como aspecto essencial a valorização da localidade na pesquisa científica, a qual proporcionou ao discurso do SSK certa distinção frente aos relatos promovidos nos anos anteriores. Segundo Michael Friedman, a despeito das diferenças de descrição da prática científica, não há tanta diferença entre a descrição da filosofia da ciência anterior aos anos 1980 e o modo descrito pelo SSK, exceto em um ponto. Para Pestre, há um acento evidente na força e influência da comunidade científica local na geração, defesa e propagação dos conhecimentos científicos. Ainda que este ponto não pareça relevante, visto que já nas décadas anteriores havia o reconhecimento da comunidade, não se trata da comunidade abstrata, ideal, algo meramente descontextualizado. Pelo contrário, trata-se de um grupo específico, com seus condicionamentos e expectativas reais⁷.

Para Friedman - eis um elemento que favorece o discurso de Pestre -, a fonte das regras metodológicas da ciência é simplesmente um acordo social. Apesar da suposta importância dos conceitos da ciência, todos são assumidos em razão do contrato convencional que une os cientistas. Por este mesmo motivo, o processo gerador da norma científica não ocorre por meio de uma comunidade abstrata de cientistas – como poderia deduzir uma interpretação kuhniana –, senão através de uma comunidade localmente determinada. É uma comunidade específica e não uma ideia desencarnada e espiritual, fora da sociedade, que será capaz de julgar os caminhos da prática científica. E Barry Barnes confirmará a tendência do SSK transformar a ciência e a prática científica numa prática circunscrita a locais muito bem determinados:

Science is not a set of universal standards, sustaining true descriptions and valid inferences in different specific cultural contexts; authority and control in science do not operate simply to guarantee an unimpeded interaction between ‘reason’ and experience. Scientific standards themselves are part of a specific form of culture; authority and control are essential to maintain a sense of the reasonableness of that specific form. Thus...science should be amenable to sociological study in fundamentally the same way as any other form of knowledge or culture⁸.

⁷ FRIEDMAN, Michael. “On the Sociology of Scientific Knowledge and its Philosophical Agenda”. **Studies in History and Philosophy of Science**, vol. 29, n° 2, p. 240, 1998.

⁸ BARNES, Barry - *T.S. Kuhn and Social Science*. London: Macmillan, 1982, p. 10.

Além de destacar o papel descritivo da ciência, Barnes introduz uma importante distinção entre conhecimento e ciência, cuja consequência imediata é a desapropriação do caráter superior atribuído aos discursos das ciências naturais desde a modernidade. Para o autor e para o movimento SSK, ciência e cultura são modos diversos do mesmo fenômeno. Logo, não há razão para que o primeiro prepondere sobre o último. Segundo Barnes, a mudança mais interessante na relação entre conhecimento e ciência não tem a ver com extensão de conceito, mas toca o caráter social que eles possuem. A ciência não possui ascendência sobre outros modos de saber e cultura, afirma um dos pais do “Programa Forte”. Esta premissa, típica do movimento *Science Studies*, nivela todos os discursos humanos, não permitindo que nenhum deles exerça algum tipo de domínio prepotente e injusto sobre os outros.

3. Argumentos em favor de Pestre: localidade e descritividade

As opiniões de Barnes e Friedman apenas reafirmam a tese da restrição local da ciência, defendida por Pestre. Se a premissa do *Science Studies* está correta, e a sociedade constitui tudo o que a ciência pode ser, então apenas a prática local encontrará razão de existência. Não é possível imaginar uma ciência universal. Como diria Polanyi, o conhecimento é “*locally situated*”⁹.

Corolário necessário deste aspecto do discurso decorrente da Escola de Edimburgo é o insistente enfraquecimento do papel normativo da ciência. Com o “Programa Forte” e, portanto, com a Escola de Edimburgo, reforça-se a leitura descritiva da tarefa científica, como tem assinalado Joseph Rouse. Se a compreensão científica não se opõe a outros tipos de formação como a cultura ou a sabedoria, segundo sugere o construtivismo social, não há razões para que o discurso científico tenha qualquer tipo de império sobre as formas de conhecimento dele distinto¹⁰. O SSK, portanto, não atribui qualquer valor essencialmente distintivo entre o discurso da ciência e o de outras fontes de cultura. Segundo Rouse, o que caracteriza a questão autenticamente científica não é a sua essência, afinal ele “*reject the idea*

⁹ Citado por Rouse. ROUSE, Joseph. “What are Cultural Studies of Scientific Knowledge?”. *Contributions*, vol. 1, nº 1, p. 61, 1992.

¹⁰ ROUSE, Joseph. “What are Cultural Studies of Scientific Knowledge?”. *Contributions*, vol. 1, nº 1, p. 59, 1992.

*that there is an essence of science*¹¹. Só a prática da ciência, ao melhor modo wittgensteineano, é capaz de revelar o perfil da própria ciência quando a abordagem teórica está vedada: se não há essências, não existem critérios para distinguir protocolos a não ser “o que se faz”. É explícita a tentativa dos componentes do *Science Studies* de afastarem-se gradualmente das abordagens mais teóricas e este desejo evidencia-se no modo como rejeitam qualquer referência a essências na ciência, sem perceber que não estão investindo contra a noção de metafísica, mas contra o conceito de identidade. Eis o que Dominique Pestre afirma sobre a tarefa do *Science Studies*: “*Elle (la science) est locale dans ses déterminations et modes de preuve – em bref, elle est sans essence*”¹².

No entanto, a prática supõe uma configuração do mundo que é, basicamente, “naturalística”¹³. Isto significa que a prática da ciência proposta pelo SSK não é a prescritiva. Como diria Friedman, e que vai interessar ao pensamento de Pestre, a ciência se ocupa apenas em descrever fenômenos, mantendo a premissa de tentar descrevê-los o mais próximo possível da sua constituição natural. E é esta novidade que Friedman pretende sublinhar e que torna o discurso do SSK distinto dos anteriores¹⁴. Aliás, este também é o ponto fundamental do discurso social sobre a ciência, segundo a opinião de Steve Fuller. Para ele, o discurso descritivo prepondera sobre aquele normativo, destaca-se sobre o discurso que prescrevia como deveria ser necessariamente a prática científica¹⁵.

¹¹ ROUSE, Joseph. “What are Cultural Studies of Scientific Knowledge?”. **Contributions**, vol. 1, n° 1, p. 63, 1992.

¹² PESTRE, Dominique. **Introduction aux Science Studies**. Paris: La Découverte, 2006, p. 6. Destaque do autor.

¹³ Esse termo foi usado por Michael Friedman em um artigo de 1998, onde ele pretendia avançar a tese de que o sucesso do SSK derivaria da sua proposta relativista: “*E não é demais dizer, eu acredito, que esta agenda relativista e anti-filosófica tradicional é responsável por grande parte da excitação intelectual que tem rodeado o SSK, nas suas duas versões teóricas e aplicadas*”. Cf. FRIEDMAN, Michael. “*On the Sociology of Scientific Knowledge and its Philosophical Agenda*”. **Studies in History and Philosophy of Science**, vol. 29, n° 2, p. 240, 1998. A partir de então, outros autores também trataram de valorizar um papel naturalístico da ciência. Leiam-se os textos de Werner Callebaut (Taking the Naturalistic Turn: How Real Philosophy of Science is Done. Chicago: University of Chicago Press, 1993 e The future of naturalistic philosophy of science. Ludus Vitalis vol. 3, no. 5, 1995).

Além desse autor, ainda pouco conhecido, Joseph Rouse, Barry Barnes, John Ziman, apenas para citar os mais famosos, também dedicaram-se em defender e criticar a possibilidade de uma filosofia da ciência naturalista.

¹⁴ FRIEDMAN, Michael. “*On the Sociology of Scientific Knowledge and its Philosophical Agenda*”. **Studies in History and Philosophy of Science**, vol. 29, n° 2, p. 242, 1998: “*The naturalistic and purely descriptive aims of Studies of Scientific Knowledge are explicitly contrasted with the normative and prescriptive – ‘moralizing’ – aims of traditional philosophy*”.

¹⁵ FULLER, Steve. “Social Epistemology and the Research Agenda of Science Studies”. In: PICKERING, Andrew (org.). **Science as Practice and Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 1992. p. 390. É verdade que, neste mesmo texto do livro de Pickering, Fuller sustenta que ainda há um resquício de normatividade, mesmo no *Science Studies*.

Com efeito, a valorização da prática como critério de julgamento do exercício científico introduziu a problemática da uniformidade das teses e das normas de ação para cada caso. A controvérsia, e não o consenso, se impõe como coração da prática científica. Nas palavras de Pestre, “*le dissensus est premier dans les sciences car, même si on suppose le monde régulier et stable, il ne se donne jamais à voir dans sa vérité une*”¹⁶. E a preponderância do dissenso na prática científica gera a questão de se saber como julgar os discursos antagônicos. O *Science Studies* é o lugar da descrição, seja por causa do caráter local, seja pelo caráter essencialmente dissociativo de suas práticas.

4. Mudança de posição de Pestre: mais fenomenologia, menos sociedade

Apesar de Pestre minorar a dificuldade da tarefa e sustentar o início do *Science Studies* nos anos de 1970, há elementos que apontam em outra direção. A origem do movimento não se explica, nem se limita a essas propriedades descritas apresentadas para comemorar o aniversário de 30 anos do movimento, a data do artigo. E é o próprio pesquisador que, quatro anos depois da publicação em questão, apresenta um dado novo na constituição do movimento. Em 2011, falando sobre o centro e coração do *Science Studies*, o professor sustenta que o caráter próprio do movimento é “*affirmer une posture sceptique comme règle de méthode*”¹⁷.

Percebe-se que o historiador da ciência francês avança na compreensão do movimento *Science Studies*, atribuindo-lhe propriedades mais teóricas em dissonância à sua posição em 2004. Se há sete anos ele via como encontrar uma marca teórica na reflexão da recente filosofia da ciência, a partir de 2011 ele aproxima o movimento – segundo suas próprias palavras – de premissas retiradas da fenomenologia. A suspensão de juízos (*epoché*), marca inconfundível da reflexão de Edmund Husserl, assemelha-se à propriedade elencada por Dominique Pestre como núcleo principal do *Science Studies*, o seu caráter cético. É verdade que o historiador francês matiza o ceticismo em dois subgrupos, com o intuito de valorizar o dissenso da labuta científica. Ele dirá que o ceticismo pode ser usado como método restaurador da objetividade da ciência, o que representaria um afastamento da agenda do movimento e um retorno à prática científica anterior a Thomas Kuhn e seus seguidores. Pelo

¹⁶ PESTRE, Dominique. **Introduction aux Science Studies**. Paris: La Découverte, 2006, p. 20.

¹⁷ PESTRE, Dominique. “La politique des science studies”. [Em linha]. actual. 19 NOV. 2011. [Consult. 19 JUN. 2014]. Disponível em: <http://ballarini.fr/wp-content/uploads/2012/01/RdL_1_presentation.pdf>

contrário, o aspecto cético da prática científica deveria revelar, aos olhos de Pestre, a importância do diálogo e do debate na pesquisa da ciência. Para além da questão da descritividade e da localidade, é o ceticismo implícito na ciência sua marca mais importante.

Por isso, o distintivo na opinião do pesquisador a respeito da ciência não é tanto o papel atribuído à tarefa em si mesma. Como se percebe, há uma coerência entre sua opinião sobre a prática científica, veiculada em 2004, e sua declaração mais recente de 2011. Contudo, há um hiato inegável: ao indicar o ceticismo como propriedade fundamental, “*le coner*” dos princípios do *Science Studies*, Pestre admite uma abordagem teórica acerca do assunto. Já não se pode dizer, como em 2004, que a prática científica não possui essência, que não possui uma marca distintiva. Ele assevera que a essência da ciência é ser cética no que diz respeito aos elementos que a constituem: cética no que concerne ao recolhimento das experiências, cética na interpretação desses dados experimentais, cética na escolha dos paradigmas de análise dos experimentos, cética na derivação e previsão de eventos decorrentes dessas interpretações. Enfim, há uma mudança considerável no Pestre de 2004 e aquele de 2011. E a mudança vai em direção à fenomenologia e seus princípios.

5. Conclusão

Com efeito, o movimento denominado *Science Studies* é um dos mais influentes na reflexão da filosofia da ciência dos últimos 60 anos. No entanto, de certo modo, ainda é um campo inexplorado. Para alguns, já estamos uma terceira onda de *Science Studies*¹⁸; para outros, é impossível determinar exatamente o que são esses elementos. Era essa última a posição de Pestre em 2004.

A mudança de orientação do historiados francês é testemunha da complexidade da atual reflexão sobre filosofia da ciência. O Positivismo Lógico foi a tentativa de fazer ciência apenas com dados experimentais e metodológicos. O resultado foi o *Science Studies*, reação que acrescentou aos elementos a visada sociológica. A referência de Pestre ao ceticismo pode representar uma nova virada, uma virada filosófica. De certo modo, diz-se que não se pode fazer filosofia da ciência sem filosofia “*tout court*”.

¹⁸ COLLINS, Harry; EVANS, Robert. “The Third Wave of Science Studies: Studies of Expertise and Experience”. *Social Studies of Science*, vol. 32, n° 2, p.239, 2002.

Referências Bibliográficas

- BARNES, Barry. **T.S. Kuhn and Social Science**. London: Macmillan, 1982.
- COLLINS, Harry; EVANS, Robert. “The Third Wave of Science Studies: Studies of Expertise and Experience”. **Social Studies of Science**, vol. 32, n° 2, pp. 235-296., 2002.
- FRIEDMAN, Michael. “*On the Sociology of Scientific Knowledge and its Philosophical Agenda*”. **Studies in History and Philosophy of Science**, vol. 29, n° 2, pp. 239-271, 1998.
- FULLER, Steve. “Social Epistemology and the Research Agenda of Science Studies”. In: PICKERING, Andrew (org.). **Science as Practice and Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Unisinos.
- PESTRE, Dominique. “Thirty Years of Science Studies: Knowledge, Society and the Political”. **History and Technology**, volume 20, n° 4, pp. 351-369, 2004.
- PESTRE, Dominique. **Introduction aux Science Studies**. Paris: La Découverte, 2006.
- PICKERING, Andrew (org.). **Science as Practice and Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- ROUSE, Joseph. “What are Cultural Studies of Scientific Knowledge?”. **Contributions**, vol. 1, n° 1, pp. 57-94, 1992.
- SNOW, C. P. **As duas culturas**. Lisboa: Presença, 1996.
- VIDEIRA, A. A. P.; MENDONÇA, André Luís de Oliveira. “Instituindo os Science Studies”. **Episteme**, n° 19, pp. 149-158, 2004.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



SILVA, Robson de Oliveira. FENOMENOLOGIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: DOMINIQUE PESTRE E A ORIGEM DO SCIENCE STUDIES. **Synesis**, v. 9, n. 2, ago. 2017. ISSN 1984-6754.
Disponível em:
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=486>
